

Ciência, cultura e arte: o que dizem os professores da educação básica sobre suas visitas a espaços não formais de educação.

Maisa Peixoto Garcia (Universidade Federal de Uberlândia - UFU)

Lúcia Estevinho Guido (Instituto de Biologia- UFU)

RESUMO

A presente pesquisa é fruto do projeto “Mais Ciência, Cultura e Integração: uma parceria universidade, escolas públicas e museus” que promoveu atividades extracurriculares com professores e alunos da Educação Básica, apontando espaços não formais de educação como museus, parques e centros de ciências, culturas e arte como ferramenta eficaz para melhoria das aulas nas escolas públicas. Nessa perspectiva, a presente pesquisa estabeleceu rodas de conversas e entrevistas com os professores envolvidos no projeto com a intenção de conhecer como a visita aos espaços não formais incidiu na formação profissional e pessoal do docente. Os resultados mostraram que os espaços não formais de educação importantes para a formação continuada dos professores.

Palavras chaves: Formação de professores; Espaços não formais; Formação cultural.

INTRODUÇÃO

Você é capaz de observar a ciência no seu dia-a-dia ou as ciências que lhe foram apresentadas só serviram para garantir nota nas provas? CHASSOT (2003, p.91) explicita que “ser alfabetizado cientificamente é saber ler a linguagem em que está escrita a natureza. É um analfabeto científico aquele incapaz de uma leitura do universo”. Sabemos que é pouco possível uma pessoa ser detentora de todo conhecimento científico, mas um cidadão com noções mínimas é capaz de falar sobre ciência. Somos rodeados por noticiários que trazem informações sobre a diminuição da população de tartarugas verdes, espécie em extinção, pela ingestão de produtos plásticos no mar, mas o que isso tem a ver com conhecimento científico e cultural? Tudo. Um aluno capaz de relacionar os impactos ambientais gerados por ações humanas (descarte inadequado do lixo) com a extinção de tartarugas verdes marinhas é um cidadão que consegue discutir minimamente sobre ciência e suas implicações na sociedade e ambiente. Valendo-se novamente das premissas de CHASSOT (2003, p.91) destacamos: “Acredito que se possa pensar mais amplamente nas possibilidades de fazer com que alunos e alunas, ao entenderem a ciência, possam compreender melhor as manifestações do universo”.

Partindo das premissas de Chassot (2003), nossas escolas encontram-se abarrotadas de alunos memorizando o conteúdo somente para obtenção de notas na prova não tendo compreensão da ciência e, conseqüentemente, não dão conta de lidar com situações novas, mudanças e sobrevivência. Conforme apontado por Moreira (2006) esse tipo de aprendizagem reproduzida em nossas escolas é a aprendizagem mecânica que nada contribui para a vida do cidadão a não ser a possibilidade de passar de ano. O discurso educacional pode até ser outro, mas o que vemos são práticas educativas que não contemplam o aprender-a-aprender e que não colaboram para que os alunos construam significados para conceitos (Moreira 2006).

Infelizmente a escola tem quantificado o aprendizado do aluno em sua capacidade de absorver o conhecimento que, na maioria das vezes é esquecido com o tempo. A citação de CHASSOT (2003, p.90) nos revela a triste realidade do ensino-aprendizagem:

“Quantas classificações botânicas, quantas famílias zoológicas cujos nomes ainda perambulam em nossas memórias como cadáveres insepultos, quantas configurações eletrônicas de elementos químicos, quantas formulas de físicas sabidas por um tempo – até o dia de uma prova e depois desejadamente esquecidas”

Para além da aprendizagem significativa as escolas necessitam encontrar meios mais efetivos de tocar seus alunos pensando em uma cognição que traga a inventividade, especialmente quando saímos do espaço escolar, quando nos permitirmos estar em outros espaços de aprender, sentir, brincar e experimentar. Segundo KASTRUP (2001, p.17) “A aprendizagem é, sobretudo, invenção de problemas, é experiência de problematização. A experiência de problematização distingue-se da experiência de reconhecimento”. Kastrup (2007) trás a cognição inventiva como um novo modo de pensar a aprendizagem e a educação, pois a partir dela passamos a lidar com novas situações que se apresentam e, a aprendizagem passa a ser um processo inventivo do mundo e de si mesmo. Podemos dizer que essa aprendizagem instiga um pensamento mais completo e complexo, pois une conhecimento científico e o saber da experiência, ou seja, a experiência vivida de cada indivíduo e do coletivo conta muito no processo de aprender.

Kastrup (2005) exemplifica que, um músico, um artista plástico e um escritor não devem se adaptar ao modelo do mundo exterior, pelo contrário o artista deve buscar sempre renovar, reinventar e recomeçar, sendo um eterno aprendiz, pois a arte não se esgota na busca de respostas. KASTRUP (2005, p. 1280) enfatiza que “O aprendiz-artista não é aquele que repete mecanicamente uma mesma resposta ou uma regra definida, mas aquele que é capaz de reinventar-se permanentemente, inventando simultaneamente novos mundos“. A autora nos convoca a pensar que devemos enfrentar a subnutrição cultural e que para isto faz-se necessário uma experimentação sensível com lugares, objetos, pessoas, pensamentos e conceitos, somente assim construiremos e desconstruiremos ideias e o mundo. Segundo KATZ, 2003 apud MARTINS; PISCOQUE (2012, p. 36):

“Quando a fome se torna cotidiana, o organismo fica danificado, às vezes irreversivelmente. Há também subnutrição e desnutrição cultural, e tanto numa fome como na outra a solução é a mesma, ou seja, precisa se buscar modos de promover abastecimento e distribuição de amplos, gerais e irrestritos. Todo cidadão tem direito a comer três vezes por dia e a tomar contato com a beleza e a poesia que estimulam, ao mesmo tempo, os sentidos e a reflexão”.

Como mudar esse quadro de subnutrição e desnutrição cultural nos alunos? Como tira-los da condição de meros executadores de tarefas para cidadãos com novos hábitos de pensamento, olhar sensível e atento com capacidade de percepção do

mundo exterior? Martins; Piscoque (2012) revela que essa percepção é oferecida pela cultura e que na escola os educadores geram o abastecimento através da apresentação de objetos de artes, músicas, fragmentos de textos científicos, poéticos, um vídeo, uma imagem, ou seja, o professor mediador levará seus alunos a saber-perceber por meio da experiência perceptiva sobre o que vê, escuta e toca. Nesse contexto entendemos que o conhecimento científico, cultural e artístico na Educação Básica encontra-se deficitário.

O Projeto “Mais Ciência, Cultura e Integração: uma parceria universidade, escolas públicas e museus¹” realizou atividades de integração escolas públicas e espaços não formais de educação, destacando a importância dos mesmos para a formação cultural, científica e artística do professor. As viagens, propostas as três capitais brasileiras São Paulo, Belo Horizonte e Rio de Janeiro, se justificam por contribuírem para a formação continuada do docente, pois ampliam a visão dos mesmos para novas abordagens de ensino que podem ser inseridas dentro da sala de aula. O docente no âmbito escolar precisa ser o mediador que promove a troca de informações, construção de diálogo e saber.

Sabemos que nos dias atuais a escola deixou de ser exclusivamente o espaço detentor do conhecimento e, espaços não formais como museus, centros artísticos, culturais e científicos ganham, cada vez mais, importância no ensino, divulgação científica e tecnológica. Estes deixaram de ser reconhecidos apenas como instituições de preservação de artefatos, conservação e pesquisa, como depósitos de velharias sem sentido e assumiram o papel importante no entretenimento e educação. Grandes pesquisadores destacam os museus, centros científicos e artísticos como excelentes campos para práticas educativas. Bianconi & Caruso (2005) dizem que docentes tem buscado espaços não formais de educação como recurso pedagógico complementar, devido à carência de laboratórios nas escolas, que priva os alunos de ver, tocar e aprender fazendo. Segundo ARAÚJO (2006):

“Vários motivos levam os professores a buscar os espaços educativos não-formais como lugares alternativos de aprendizagem. Dentre tais objetivos estariam a apresentação interdisciplinar dos temas, a interação com o cotidiano dos estudantes e, por fim, a possibilidade de ampliação cultural proporcionada pela visita. Assim, as visitas teriam o objetivo de fazer uma alfabetização científica do cidadão”.

¹ O Projeto “Mais Ciência, Cultura e Integração: uma parceria universidade, escolas públicas e museus” faz parte de proposta aprovada pela CAPES no Programa Novos Talentos – 2288/2013/Processo no. 23038.004583/2013-49. A equipe executora é composta por professores e estudantes ligados ao curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Uberlândia.

A citação acima revela que as visitas a esses espaços não formais de educação tem um valor significativo não só para os alunos como também para a formação inicial e continuada do docente, pois ambos procuram vivenciar experiências que não são oferecidas na escola. A visita do professor a esses espaços suscita novas práticas pedagógicas que impulsionam maior interesse de seus alunos pela ciência. Analisando esses fatos vemos que é imprescindível a familiarização dos docentes com estes espaços, pois tanto na formação inicial como continuada este o contato é importante para que os mesmos tenham experiências de fruição. Segundo JACOBUECCI (2008, p.64):

“(...) há de se pensar e se investir na formação dos professores frequentadores desses espaços educativos, para que esses possam articular e entrecruzar a cultura científica, o saber popular e o próprio saber com vistas à criação de novos conhecimentos e a sua divulgação de forma consciente e cidadã”.

Assim reiteramos que esta pesquisa teve por objetivo investigar e compreender as relações que esses profissionais da Educação Básica estabeleceram com os espaços científicos, artísticos e culturais visitados e as interferências geradas no exercício da docência após as viagens realizadas.

METODOLOGIA

A técnica de entrevista para a obtenção de dados qualitativos foi utilizada como recurso metodológico para realização deste estudo. Segundo MINAYO (1994, p.21-22):

“A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”.

A entrevista foi dirigida de forma semi-estruturada a partir de um roteiro que direcionou os sujeitos da pesquisa a discorrerem sobre o assunto proposto sem “fugir” do tema (Manzini 2004). Além de direcionar as perguntas aos professores o pesquisador foi mediador, dirigindo e intervindo nas discussões e no cessar da coleta de dados de cada pergunta quando entendia que as respostas dadas pelos professores atingiram a saturação informacional. As entrevistas foram registradas por meio de equipamentos de áudio e transcritas pelo pesquisador. Ressaltamos que depois da transcrição dos dados

os audios foram apagados e em nenhum momento o docente entrevistado foi identificado. Após as transcrições das entrevistas os textos foram revisados, sendo estes conferidos com o áudio original. Esse processo de conferência é chamada por Duarte (2004) de conferência de fidedignidade. Depois de conferidas, as transcrições foram editadas e analisadas de maneira qualitativa e os professores foram identificados por ordem alfabética, nomeados como P1, P2, P3, P4, P5, P6, P7 e P8.

Os sujeitos da pesquisa são professores de educação básica de quatro escolas públicas do município de Uberlândia (Escola Municipal Professor Sergio de Oliveira Márquez, Escola Municipal Otávio Batista Coelho Filho, Escola Municipal Ladário Teixeira e Escola Estadual Tubal Vilela da Silva) que visitaram espaços não formais de educação nas capitais brasileiras São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, no ano de 2014/2015, através do projeto “Mais Ciência, Cultura e Integração: uma parceria universidade, escolas públicas e museus/ Novos Talentos”. As visitas técnicas em São Paulo contemplaram acervos científicos, culturais e artísticos como a Pinacoteca do Estado de São Paulo, o Museu da Língua Portuguesa, o Museu de Ciência (Catavento) e o Museu de Arte de São Paulo (MASP) e o Instituto Itaú Cultural. No Rio de Janeiro os locais visitados foram o Museu da Vida da Fiocruz, Museu Nacional e MAR – Museu de Arte do Rio. Por fim em Belo Horizonte os docentes percorreram o Instituto Inhotim, e os Museus integrantes do Circuito Cultural da Praça da Liberdade: Espaço do Conhecimento - UFMG, Centro Cultural Banco do Brasil, Museu das Minas e dos Metais, Palácio da Liberdade, Centro de Arte Popular – CEMIG, Museu Mineiro, Casa da Economia Criativa e Arquivo Público Mineiro.

As entrevistas foram realizadas em duas escolas no dia 21 de Maio de 2016 no período da manhã e os sujeitos da pesquisa foram cinco professores da Escola Municipal Otávio Batista Coelho Filho e três professoras da Escola Municipal Ladário Teixeira. O tempo da entrevista de ambos os grupos variou de 18 a 25 minutos e, posteriormente os dados foram organizados em transcrição de falas pelo pesquisador. Destacamos que a pesquisa respeitou todas as normas do Conselho de Ética e Pesquisa² da universidade e os professores entrevistados assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

² O projeto “Ciência, Cultura e Arte: um estudo a partir dos registros fotográficos de professores da Educação Básica” foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa através do sistema Plataforma Brasil sob número CAAE 35301214.7.0000.5152.

RESULTADOS OBTIDOS

Procurando responder as inquietações do objetivo que essa pesquisa se propôs, os dados coletados foram analisados e, a partir da transcrição das conversas gravadas durante a entrevista, de ler e reler as falas das professoras e dos professores encontramos 3 categorias são elas: Contribuições dos espaços não-formais de educação para a formação pessoal e profissional, Ação inovadora e Momento marcante.

Contribuições dos espaços não-formais de educação para a formação pessoal e profissional

Entendemos a partir de Martins; Piscoque (2012) que a formação cultural do indivíduo ocorre através da experimentação sensível com espaços, objetos propositores e o convívio com pessoas que estabelecem um diálogo/troca e, esses encontros permitem uma relação cada vez mais intensa com o mundo. No entanto uma parcela pequena da população brasileira tem tido a oportunidade de ter a experiência estética da fruição. As autoras acima citadas definem que a estética não é aquela que se preocupa com o belo, mas é a estética vista como estesia, uma capacidade que permite a percepção através do mundo exterior. Desta maneira é importante os estímulos de experiências como está na vida de qualquer cidadão e quando dizemos que essa experiência deve contemplar todos, devemos entender que o professor também é um ser humano que merece ser abastecido de cultura, arte e literatura, independente da disciplina que ministre. Para Kramer e Leite (1998, p.21) apud Suanno (2009, p.9657):

“a formação cultural de professores é parte do processo de construção da cidadania, é direito de todos se considerarmos que todos – crianças e adultos – somos indivíduos sociais, sujeitos históricos, cidadãos e cidadãs produzidos na cultura e produtores de cultura”.

Quando perguntado aos professores de Educação Básica sobre “o que as visitas aos espaços não-formais de educação trouxeram para sua formação pessoal e profissional?”, todos foram unânimes em dizer que os locais visitados mudaram a ideia que eles tinham sobre museu. Estas percepções foram obtidas nas seguintes falas dos docentes:

P1: “Ela mudou nossa visão de Museu. A visão que nós temos é de coisa velha e essas visitas diferenciaram essa visão. Museu não é somente algo histórico, mas existe varias outras coisas que você pode acrescentar ali e melhorar o conhecimento”.

P3: *“Eu concordo com as meninas a visão pessoal mudou tanto que agora em minhas viagens de lazer eu procuro um museu para visitar. A experiência profissional é que essas visitas ajudou muito a gente na escola para ter outra visão, fizemos viagens com os meninos em São Paulo e Belo Horizonte, reproduzindo o mesmo circuito que fizemos no projeto Novos Talentos. Foi muito bom!”.*

Somente um professor dentre os oito entrevistados relatou que já tinha o costume de visitar espaços científicos e culturais e, que teve a oportunidade de vivenciar novos destinos e conhecimentos. Nas falas citadas acima observamos que os docentes não conheciam os espaços científicos/ culturais visitados e tão pouco imaginavam que esses locais trariam riqueza de informações que são capazes de sensibilizar, provocar a interatividade, curiosidade, investigação, descoberta e multiplicidade de olhares. Nota-se que os professores foram abastecidos culturalmente e cientificamente nos espaços visitados e, que os objetos propositores desses locais despertaram construção e reconstrução de saberes e de novas ações metodológicas de ensino. A fala do docente (P3) demonstra o reconhecimento por parte dele de sua limitação estética e seu comprometimento em mudar essa realidade. Suanno (2009) comenta que há outro importante aspecto a se considerar também sobre a qualidade de vida dos professores e seus hábitos de visitação a espaços culturais e científicos, sendo imprescindível uma melhor remuneração a essa classe de trabalhadores. A fala de um dos docentes entrevistados demonstra a problemática levantada pela autora anteriormente:

P2: *“Nós professores da educação básica somos muito carentes na área cultural, por conta própria nós temos dificuldades financeiras para visitarmos esses espaços, pois não somos valorizados. Para além disso, temos uma carga horária exaustiva nas escolas e também levamos trabalho para casa e se não tivermos engajados em um projeto como do Novos Talentos raramente teríamos oportunidades como essas”.*

Esses resultados apontam que os professores entrevistados reconhecem que não possuem cultura em profundidade e que as visitas feitas nos espaços científicos/artísticos e culturais, proporcionaram à eles uma nutrição estética nunca saboreada. . Tal experiência os impulsionaram a desenvolver atividades com seus alunos deslocando a aula para espaços não-formais de educação.

Resistências

A ideia de que museu é lugar de acúmulo de velharias, um depósito empoeirado e um espaço visitado apenas por pesquisadores e amantes da história ainda é reproduzida por aqueles que não frequentam esse espaço. Em contrapartida, pesquisadores tem desmistificado tal ideia, reconhecendo os espaços não formais de educação como Museus Culturais, Científicos, Jardins Botânicos e Parques ecológicos como locais interessantes para práticas pedagógicas. Segundo Jacobucci (2008 p.55) “Atualmente, no mundo todo, os museus de ciências estão reestruturando suas exposições e atividades para atraírem cada vez mais visitantes e possibilitar um retorno permanente das pessoas”. Os museus científicos e culturais tem proporcionado tamanho encantamento em seus visitantes que os sujeitos dessa pesquisa também não ficaram de fora, foram impactados pelo que viram, sentiram e tocaram. A experiência que os docentes tiveram nos espaços não-formais de educação visitados, desencadearam reflexões sobre seus métodos pedagógicos, podemos dizer que essas visitas trabalharam aspectos que não seriam percebidos sem uma observação mais sensível e sem pressa.

Nesse contexto e entendendo que a fruição é que proporciona o conhecimento e motiva o indivíduo na aprendizagem, os professores da Escola Municipal Otávio Batista Coelho Filho disseram que elaboraram um projeto de visita/ expedição a espaços científicos/ culturais com as turmas do 8º e 9º ano nas cidades de Peirópolis, São Paulo e Belo Horizonte nos anos de 2014 e 2015. Os espaços visitados pelos alunos em São Paulo foram Pinacoteca, Museu da Língua Portuguesa, Estação da Luz, Catavento e Museu da Regência. Em Belo Horizonte o circuito da Praça da Liberdade: Centro Cultural do Banco do Brasil, Memorial Minas Vale, Museu de Minerais e Rochas e a Lagoa da Pampulha. Segundo os professores o projeto de visita/ expedição sofreu algumas resistências como falta de apoio financeiro da escola e o medo dos pais de seus filhos viajarem sozinhos, porém essas dificuldades não os impediram de realizar as atividades que planejaram com seus alunos. As resistências citadas explicam a quantidade pequena de alunos que visitaram o espaço não-formal de educação em Peirópolis 2014, segunda a fala do docente:

P2: “Nós tínhamos 7 turmas de oitava série totalizando 240 alunos, mas só levamos 40 alunos por conta do preço e porque muitos pais ainda acham que os meninos são novos para fazer esse tipo de passeio. Tem pai que não confia em nós para olhar seus filhos fora da escola. No geral muitos nunca viajaram sem os pais”.

Além disso os professores relataram que muitos pais não compreendem o enriquecimento cultural que esses passeios podem proporcionar á seus filhos, logo não os incentivam a conhecerem espaços científicos/ culturais e artísticos.

P2: “Eu vi muitos pais falando assim para seus filhos: Você quer viajar com a escola ou ganhar um Playstation? ou um celular? O menino que acha que a escola é chata e a excursão também, porque ele nunca fez isso, não sabe que é legal, então ele faz a escolha pelo que ele já conhece que é o vídeo game. Depois que eles participam de um passeio fica até mais fácil de convencê-los a irem a outras visitas, mas enquanto eles nunca foram é muito difícil”.

P3: “Mas os meninos que participam dos passeios voltam com outra leitura, dizendo que foi a melhor viagem que já fizeram. Porque não estão com seus pais, estão com os colegas é algo diferente. No 9º ano conseguimos levar muitos alunos para São Paulo. Em 2014 levamos mais de 120 alunos, já em 2015 levamos 80 alunos”.

Já as professoras da Escola Municipal Ladário Teixeira disseram que não conseguiram desenvolver nenhuma visitação/expedição a espaços não-formais de educação com seus alunos, mesmo tendo um desejo enorme em fazê-las. As professoras disseram que sem apoio financeiro por parte da escola e/ou prefeitura os pais dos alunos não conseguem arcar com as despesas de ônibus, alimentação e o medo dos pais de seus filhos viajarem sozinhos também impede a realização de atividades além dos muros da escola.

P7: “Sair fora da cidade é complicado devido ao nível sócio econômico dos nossos alunos. Há uma barreira muito grande por parte dos pais, pois eles não deixam seus filhos desenvolverem atividades fora da escola por medo. Propomos uma atividade em Peirópolis para 4 turmas (120 alunos) e não conseguimos encher um ônibus, quase desistimos da viagem. Mesmo explicando aos pais que a viagem é algo complementar da disciplina e que seria enriquecedor, muitos pais não deixaram. A prefeitura cortou a verba e hoje não temos mais ônibus para levar os meninos em nenhum lugar”.

A professora de ciências disse que após as visitas ela sempre compartilha com seus alunos os diversos espaços artísticos, científicos e culturais que ela conheceu para despertar interesse em seus alunos de conhecerem também quando tiverem a oportunidade de viajarem com seus pais em São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte.

Momento Marcante

Quando o pesquisador lança a pergunta “O que marcou?” nas falas dos professores nota-se um ar de saudosismo, encantamento e identificação com alguns espaços em particular. Os professores de Ciências Biológicas maravilharam-se com os museus que contemplam os seres vivos e o universo, já os professores das áreas de Ciências Humanas encheram-se os olhos para os museus com acervos históricos e artísticos.

P2: “Pra mim o Centro Histórico do Rio de Janeiro me marcou muito. Como historiadora eu nunca tinha ido e eu sempre estudei e ensinei sobre aqueles lugares e para mim foi muito legal estar lá”.

P4: “Em São Paulo eu tinha o desejo de conhecer o Memorial da resistência por uma afinidade da disciplina que dou. É chocante, né? Estar no Memorial da resistência e ver o Ateliê da Zuzu Angel e ela falando do filho que sofreu com a ditadura militar pra mim foi marcante. Nós vemos muitas coisas em livros e de repente você se vê cara a cara com a obra”.

P1: “Em São Paulo eu pude ver um lado da Arte que a gente não enxerga. Ter visitado o MASP, Pinacoteca e o Memorial da Resistência deu mais sentido as coisas. Eu nunca havia visitado um museu de arte. Ver a Matemática, Física e Química de perto no Catavento foi maravilhoso!”

As falas dos professores evidenciam que as marcas associam-se às suas histórias e trajetórias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As falas dos sujeitos dessa pesquisa permitiu compreender que os docentes da Educação Básica exploraram os espaços não formais de educação como fruição, ou seja, apreciaram todo o percurso como sendo um momento só deles. Essa experiência de fruição saboreada pelo contato com as obras, espaços, pessoas e objetos ampliaram seu modo de pensar, olhar e agir, saindo do mundo da mesmice, do comum frente ao saber.

Compreendemos também que as interferências geradas no exercício da docência após as viagens se deram, porque os espaços não formais de educação revelaram aos educadores que é possível ensinar os sentidos e o saber-perceber nas escolas, a fim de permitir seus alunos vivenciarem as mesmas experiências encantadoras que tiveram.

Concluimos que a formação cultural é uma ferramenta importante para o exercício da docência, pois o professor desnutrido culturalmente não consegue ser um disseminador de cultura aos seus alunos. Em contrapartida, professores abastecidos culturalmente, são melhores educadores e mais cautelosos nas escolhas de suas práticas pedagógicas, pois são capazes de selecionar recursos como: textos, poemas, músicas,

obras, artigos científicos, filmes e espaços que contemple a nutrição estética dos seus alunos, aumentando assim o conhecimento dos mesmos sobre determinado conteúdo, o modo de compreender o mundo e viver.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, H. M. M. **Políticas e Estratégias de Formação de Professores e os Espaços Educativos Não-Formais**. p. 1-10, 2006.

BIANCONI, M. L; CARUSO, F. Educação não-formal. **Ciência e Cultura**, v. 57, n. 4, 2005.

CHASSOT, A. Alfabetização científica: uma possibilidade para a inclusão social. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 22, p. 89-100, 2003.

DUARTE, R. **Entrevistas em pesquisas qualitativas**. Educar, Editora UFPR, Curitiba, n. 24, p. 213-225, 2004.

JACOBBUCCI, D. F. C. Contribuições dos espaços não-formais de educação para a formação da cultura científica. **Em extensão**, v. 7, 2008.

KASTRUP, V. **Aprendizagem, Arte e Invenção**. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 6, n. 1, p. 17-27, jan./jun. 2001.

KASTRUP, V. **Políticas cognitivas na formação do professor e o problema do devir-mestre**. Educ. Soc., Campinas, vol. 26, n. 93, p. 1273-1288, Set./Dez. 2005.

KASTRUP, V. **A Invenção de Si e do Mundo: uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MANZINI, E. J. Entrevista semiestruturada: análise de objetivos e de roteiros. In: Seminário Internacional sobre Pesquisa e Estudos Qualitativos, 2., 2004, Bauru. **Anais...** Bauru: USC, 2004.

MINAYO, M. C. S. **Ciência, Técnica e Arte: O Desafio da Pesquisa Social**. In: Petrópolis: Vozes, p. 9-29, 1994.

MARTINS, M. C., PICOSQUE, G. **Mediação cultural para professores andarilhos na cultura**. 2. Ed. São Paulo: Intermeios, 2012.

MOREIRA, A. M. **Aprendizagem significativa crítica**. 2. Ed. p.1-21. Porto Alegre. 2006.

SUANNO, M. V. R. Formação Cultural de Professores: Conhecimento e sentipensar. IX Congresso Nacional de Educação – **EDUCERE**. III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia, PUCPR, p. 9654- 9667, 2009.